

## TRÊS PROBLEMAS

**\*Roberto Rodrigues**

Matérias recentemente publicadas pela mídia mostram que o agronegócio brasileiro vai muito bem enquanto outros setores da economia seguem sofrendo com a perda de competitividade determinada pelo Custo Brasil.

É preciso cuidado com este tipo de informação. Não dá para generalizar.

Em primeiro lugar, há que se ressaltar que o campo fez um duríssimo ajuste interno logo depois dos Planos Collor e Real, nos anos 90 do século passado. A brutal perda de renda sofrida pelo setor em função dos descasamentos dos índices de correção dos preços agrícolas versus os dos débitos dos produtores gerou uma exclusão sem precedentes na história da agropecuária brasileira: milhares de produtores foram expulsos da atividade. Para sobreviver, os remanescentes tiveram que se socorrer da tecnologia tropical que felizmente estava disponível em nossos órgãos de pesquisa e extensão, e, ainda mais, criar regras de gestão, até então desnecessárias: com uma inflação de mais de 80% ao mês, não havia eficiência gerencial que funcionasse. Esse ajuste, lastreado na inovação e nos investimentos, por sorte foi amparado por algumas políticas públicas que tiveram grande importância, como o Moderfrota, que permitiu a modernização do então sucateado parque motomecanizado do país e, de lambujem, reduziu as perdas de colheita que ocorriam com as velhas máquinas, o que ajudou a aumentar a produtividade.

O resultado é conhecido: em 20 anos a área plantada com grãos cresceu 40% e a produção, 220%, o que preservou milhões de hectares de cerrados e matas com mais produtividade por hectare. Mas esse ajuste caríssimo, a um custo social sem precedentes, não foi uniforme, nem regionalmente e nem por produto. Claro, não existe um único agronegócio brasileiro, assim como não existe um único Brasil. Não dá para colocar no mesmo pacote um produtor de uvas da serra gaúcha, um de soja do Mato Grosso, um de café de São Paulo ou Espírito Santo, um canavieiro de Pernambuco, um pecuarista do Pará, um seringueiro do Acre, um leiteiro de Minas Gerais: são mundos extremamente diferentes, seja por causa das condições edafoclimáticas, seja pela tecnologia usada, seja pelas questões étnicas e culturais, seja pela estrutura fundiária, seja lá pelo que for. São realidades distintas.

Portanto, as boas novas referidas sobre o setor não são gerais.

A propósito, três segmentos do agro estão sofrendo bastante, e já há um bom tempo: cana, café e laranja, todos muito importantes tanto econômica quanto socialmente, dado o número de empregos que geram.

A cana sofre pela inacreditável falta de ação governamental para o setor: buscando segurar a inflação, o preço da gasolina vem sendo administrado nos últimos 6 anos, ao longo dos quais teve um aumento pífio de 6%. Com isso, a Petrobrás vem tomando enorme prejuízo e o etanol perde competitividade, uma vez que seus custos crescem com os aumentos de custo da cana de açúcar. Dezenas de usinas já fecharam e o produtor da gramínea está sem renda.

A laranja sofre porque os estoques mundiais de suco são grandes, o consumo diminuiu com a crise de 2008 e porque a concorrência com outros sucos ficou mais dura.

E o café vive anos de preços muito baixos por causa da grande especulação que cerca esse nobre produto, alimentada por notícias nem sempre verdadeiras de safras muito abundantes.

Soluções existem: para a cana, basta equilibrar os preços internos da gasolina com os internacionais. Para a laranja, mecanismos de proteção são necessários até que os estoques globais de suco caiam, e já há indicadores disso para 2015. E a instalação do Consecitrus terá função muito importante para a futura remuneração da laranja. E para o café, precisamos antes de mais nada equacionar as pesadas dívidas contraídas pelos produtores no passado, com equivalência/produto, preços mínimos decentes e mecanismos de garantia conhecidos.

O que falta para isso acontecer? Vontade política, nada mais...

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador Especial da  
FAO para as Cooperativas**